

# Grupo de espera no processo de reabilitação de pessoas com deficiência visual: contribuições da terapia ocupacional

Waiting group in rehabilitation process of people with visual blindness: contributions of occupational therapy

Vanessa Andrade Caldeira  
Rita de Cássia Ietto Montilha  
Maria Inês Rubo de Souza Nobre  
Terapeutas Ocupacionais, CEPRE/UNICAMP

## RESUMO

O trabalho aqui divulgado teve o objetivo de analisar a dinâmica dos atendimentos em grupos de Terapia Ocupacional, destacando sua contribuição no processo de reabilitação de pessoas com deficiência visual inseridas na proposta de atendimento denominada Grupo de Espera. Descreveu-se todas as sessões de Terapia Ocupacional de dois grupos de deficientes visuais, um de pessoas cegas e outro de pessoas com visão subnormal, a partir dos seguintes aspectos: como as atividades foram desenvolvidas, com que objetivo foram selecionadas e o que foi observado. Identificou-se as questões que contribuíram para o processo de reabilitação. Comparou-se essas contribuições às relatadas por Maximino, que destaca aspectos observados em grupo terapêuticos ocupacionais com ênfase na reabilitação. A análise dos atendimentos aqui descritos revelou que: a atividade que mobiliza questões importantes para o grupo foi escolhida com base na dinâmica grupal; o terapeuta teve de conhecer questões que envolvem a reabilitação da população específica que atende e ter habilidade para lidar com fenômenos humanos e ocupacionais; cada grupo estabeleceu uma dinâmica diferente, principalmente pela ressonância entre as pessoas. As questões referentes à reabilitação - aceitação da deficiência, reflexão sobre as expectativas reais de vida, experimentação da execução de atividades práticas e a busca de soluções para problemas cotidianos – foram trabalhadas. Muitas destas questões se assemelham aos elementos destacados por Maximino que foram observados no processo de reabilitação de grupos terapêuticos ocupacionais. Os atendimentos de Terapia Ocupacional dentro do Grupo de Espera possibilitaram trabalhar elementos fundamentais para reabilitação por meio de grupo terapêutico ocupacional.

**Palavras-chave:** Terapia Ocupacional, Reabilitação, Transtornos da Visão, Grupoterapia, Qualidade de Vida.

## ABSTRACT

The research published here had the purpose for analyze the dynamic related to the attendances in occupational therapy groups, emphasizing its contribution to the rehabilitation process of visual impaired persons, who were inserted in an attendance proposal called Waiting-Group. Was described, all the occupational therapy sessions of two visual impaired groups, one with blindness persons and other with subnormal vision persons, in following aspects: how the activities were developed, why they were selected and what was observed. It was identified the questions which contributed to the rehabilitation process. It was compared these contributions with those reported by Maximino, who emphasize aspects observed in occupational

therapy groups with main focus on rehabilitation. The analysis of the attendances revealed: the activity which mobilize important questions to the group was chosen with bases on dynamic group; the therapist had to know questions which involved the rehabilitation of the specific population attended by him/her and had to have abilities to deal with human and occupational phenomenons; which group established a different dynamic, mainly because of resonance between the persons. The questions related to rehabilitation - acceptance of the deficiency, reflection about the real life expectations, experimentation of practical activities and looking for solutions of everyday problems - were developed. Many of these questions look like the elements emphasized by Maximino which were observed in the rehabilitation process on occupational therapy groups. The attendances in Occupational Therapy with the Waiting-Group proposal could make possible the development of fundamental elements to rehabilitation through occupational therapeutic groups.

**Keywords:** Occupational Therapy, Rehabilitation, Vision Disorders, Grouptherapy, Quality of Life.

## INTRODUÇÃO

Essa pesquisa teve como objetivo analisar os atendimentos em grupos terapêuticos ocupacionais de pessoas com deficiência visual, identificando suas contribuições para o processo de reabilitação. Os grupos estudados nesta pesquisa fizeram parte de uma modalidade de atendimento denominada Grupo de Espera oferecida pelo Programa de Adolescentes e Adultos Deficientes Visuais no Centro de Estudos e Pesquisa em Reabilitação “Prof. Dr. Gabriel Porto” (CEPRE) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Grupo de Espera é uma modalidade de atendimento formada por pessoas que estão na lista de espera para reabilitação individual nesta instituição. O objetivo do Grupo de Espera é atender imediatamente o cliente em suas necessidades básicas, para que ele não permaneça à espera dos atendimentos individuais sem nenhum tipo de intervenção. (MONTILHA; 2001<sup>7</sup>; GROISHMAN, ORLANDI, QUINTES, TRÓIA, MARANHÃO, 1979<sup>4</sup>; KORNBLIT & RASCOVSKY, 1970<sup>5</sup>).

O Grupo de Espera foi introduzido no Programa de Adolescentes e Adultos Deficientes Visuais em 1991 pela Terapia Ocupacional (T.O.), e desde então é por ela coordenado. Sofreu alterações na sua dinâmica de funcionamento por ser periodicamente avaliado como proposta de intervenção. Entre essas mudanças, destaca-se o fato de deixar de ser grupo aberto e passar a ser um grupo fechado, e com número de atendimentos determinado. Outra mudança importante foi o envolvimento da família neste processo inicial de reabilitação, por meio da participação de um de seus membros num grupo paralelo ao grupo de usuários. Essa mudança ocorreu para possibilitar que a família conheça e discuta questões referentes ao seu familiar com deficiência visual. A partir deste conhecimento a família pode encontrar ferramentas para ser um dos elementos a promover qualidade de vida no cotidiano familiar.

Há sete objetivos gerais pré-estabelecidos para os aten-

dimentos em Grupo de Espera no CEPRE:

- Apresentar a proposta do Grupo de Espera como modalidade de atendimento para orientações básicas, tendo dez encontros com diferentes profissionais a cada semana;
- Informar os usuários e familiares sobre as limitações da continuidade em atendimento individual depois do Grupo de Espera, devido à falta de vagas;
- Coletar informações sobre os integrantes do grupo que não foram obtidas na triagem inicial;
- Possibilitar a identificação de problemas e possibilidades entre as pessoas do grupo, criando um espaço de troca de informações, sentimentos e experiências;
- Mostrar e/ou experimentar recursos e adaptações que facilitem as atividades das pessoas com visão subnormal ou cegueira;
- Encaminhar ou responder às solicitações do paciente ou familiar que podem ser providenciadas de forma mais imediata pelo programa;
- Incentivar a procura de outros serviços na comunidade que possam responder às necessidades específicas e/ou imediatas de cada um.

As pessoas com deficiência visual que procuram reabilitação no CEPRE passam por triagem com um profissional especializado que irá indicar ou não sua participação no Grupo de Espera. Encaminha-se para este grupo todas as pessoas que necessitam passar por um processo de reabilitação via equipe multidisciplinar mas que não podem ser atendidas imediatamente pela mesma devido à falta de vagas. Os grupos são divididos em dois: um composto por pessoas cegas e outro por pessoas com visão subnormal (VSN)<sup>a</sup>. Essa divisão se deve ao fato de cada grupo necessitar de uma abordagem diferente, principalmente em relação à técnica de reabilitação utilizada.

Todos os encontros dos Grupos de Espera acontecem às segundas-feiras, das 8 horas às 10:30 horas durante aproximadamente 2 meses, configurando-se 10 encontros por grupo. São chamadas em torno de 8 pessoas

a- O termo “Baixa Visão” é o mais atual para identificar essa população. Entretanto utilizamos o termo Visão Subnormal por ser largamente utilizado na literatura médica e educacional.

por grupo, seguindo a lista de “pacientes para Grupo de Espera” conforme avaliado nas triagens realizadas. O grupo é acompanhado por profissionais que se revezam a cada semana (pedagogos especializados, assistente social, psicólogo, professor de atividades de vida diária e terapeuta ocupacional) para darem orientações básicas referentes à reabilitação e proporem atividades pertinentes à sua área.

Dois grupos acontecem paralelamente, sendo um iniciado cerca de duas semanas depois do outro, de forma que, enquanto um profissional atende um grupo naquele dia, outro profissional está atendendo outro grupo em outra sala. Devido à maior incidência de pessoas com VSN, geralmente, há dois grupos de pessoas com VSN que se inicia, para um grupo de pessoas cegas. Em geral, há mais de um encontro com o mesmo profissional. Com os profissionais de Terapia Ocupacional<sup>9</sup> há três encontros: um no começo, outro no meio e um no final do grupo.

### **OS ATENDIMENTOS DE TERAPIA OCUPACIONAL NO GRUPO DE ESPERA – PRINCÍPIOS PARA ATUAÇÃO**

*A perda da capacidade visual pode gerar incapacidades e desvantagens que, influenciando os aspectos ocupacionais, econômicos, sociais e psicológicos (TEMPORINI, 1999)<sup>9</sup>, diminuem ou limitam a qualidade de vida dessas pessoas. O objetivo da Terapia Ocupacional com pessoas deficientes visuais não se restringe a avaliar e trabalhar a funcionalidade e eficiência visual, mas melhorar a qualidade de vida dessas pessoas, considerando o aspecto emocional, o contexto familiar e social, a história de vida, os interesses e expectativas.(MONTILHA 2001)<sup>7</sup> Trabalhar com qualidade de vida das pessoas atendidas é uma proposta ampliada de pensar o sujeito, com sua doença, angústia e/ou limitação, no contexto de vida e toda a complexidade que essa relação implica, buscando fortalecer o indivíduo para buscar qualidade nessas relações.*

Segundo Dejours (1986)<sup>2</sup>, saúde, para cada indivíduo, é ter meios de traçar um caminho pessoal e original, em direção ao bem estar físico, psíquico e social. Para o autor, não se trata de acabar com a angústia (ou doença), mas tornar possível a luta contra ela de tal modo que se resolva ou acalme. Assim, a reabilitação deve ajudar os usuários a construir caminhos na busca da qualidade de vida.

No caso das pessoas com deficiência visual, há peculiaridades que se deve levar em conta nos atendimentos de reabilitação.

Entre as pessoas com deficiência visual há um grupo que não aceita a perda visual. Para algumas dessas pessoas, a qualidade de vida está diretamente relacionada

com o aspecto da visão. A expectativa é de melhora visual ou mesmo de voltar a enxergar normalmente. Propostas que se desloquem deste eixo são frustrantes pois, para o usuário, o sonho de voltar a enxergar parece mais distante. Essa frustração acaba interferindo significativamente na dinâmica do atendimento e o usuário, muitas vezes, abandona a reabilitação. É fundamental durante a reabilitação pontuar, possibilitar e construir meios para cada usuário aceitar e lidar com sua condição visual, pois ela vai influenciar como este se coloca no mundo, sua relação com as pessoas, suas ações, experiências, aprendizagens e limitações. A condição visual pode se modificar no decorrer dos atendimentos (pelo desenvolvimento da funcionalidade visual, evolução da doença ou cirurgia), e o paciente terá que aprender novas formas de lidar com essa condição. *Entre as pessoas com deficiência visual, há um outro grupo que aceita a perda visual. Para muitas pessoas deste grupo é difícil determinar aspectos de seu cotidiano que necessitam ser transformados para melhorar sua qualidade de vida. A expectativa deste grupo, muitas vezes, é de cuidar da casa, estudar, trabalhar... mas os aspectos que limitam essas atividades não estão claros. Cada uma dessas atividades tem características específicas que influenciam as ações de pessoa com deficiência visual - como os aspectos culturais (como o preconceito), materiais adaptados ou habilidades para realizar determinada atividade... - que ganham ainda mais especificidades na relação do sujeito com essas atividades. Entretanto, essa aparente confusão reafirma a complexidade da vida do sujeito e de suas relações com o meio, a qual a equipe de reabilitação pode ajudar a desvendar. Para outras pessoas deste grupo, a expectativa em relação à reabilitação já vem determinada, com recursos ou treinamentos (como o Braille, atividades de vida diária e orientação/mobilidade) dos quais o usuário deseja participar. Essa expectativa, muitas vezes, influenciada por outras pessoas, não corresponde às reais necessidades ou desejos da pessoa com deficiência visual. É necessário propor formas para que se aproximem dessas necessidades ou desejos, identificando-os.*

Considerando as reflexões acima, deve-se destacar a importância da pessoa com deficiência visual aceitar e lidar com sua condição, refletir sobre aspectos cotidianos que necessitam ser transformados, e identificar reais necessidades e desejos. Se reabilitar é capacitar o indivíduo para construir qualidade de vida, é necessário desvendar o que o paciente busca como qualidade de vida, e que recursos pode utilizar para atingi-la.

Essas questões podem ser respondidas e trabalhadas por meio de atividades, pois, a linguagem da ação é um dos muitos modos de conhecer a si mesmo (CASTRO,

b- Esses grupos são atendidos em conjunto pela coordenadora do projeto e aprimoranda, ambas terapeutas ocupacionais.

BRUNELLO, LIMA 2001)<sup>1</sup>, habilidades, dificuldades e ainda desenvolvê-las, assim, a Terapia Ocupacional, tem muito a contribuir. Uma característica intrínseca do Grupo de Espera é justamente ser um grupo, e a Terapia Ocupacional pode usar isso como um recurso. Nesta proposta há uma outra dinâmica criada, diferente do atendimento terapêutico ocupacional individual.

A dinâmica do grupo terapêutico ocupacional está sendo desvelada por meio de pesquisas e estudos. Faria diz que o grupo terapêutico ocupacional é idêntico ao grupo psicoterápico em relação aos movimentos humanos, porém deste se distancia pelo uso de atividades livres e criativas que dizem respeito à construção da consciência de si e do mundo de modo crítico.<sup>1</sup> Segundo um levantamento realizado por Maximino(1997)<sup>6</sup>, algumas pesquisas na década de 70 e 80, principalmente, tentaram desvendar a dinâmica de grupos terapêuticos ocupacionais. Maximino(1997)<sup>6</sup> apresentou artigos que descrevem trabalhos com grupos de T.O. cuja ênfase está na reabilitação. Estas apresentações destacam características observadas nos grupos, organizadas e sintetizadas neste trabalho da seguinte forma: as atividades grupais parecem favorecer a integração e interesse social; observa-se aumento da ajuda mútua e estreitamento dos laços de amizade; mecanismos internos são mobilizados e podem ser trabalhados; observa-se diminuição do nível de ansiedade e do egocentrismo, identificação emocional, fortalecimento e adaptação do ego, reconhecimento de necessidades e sentimentos, aumento da auto-estima caracterizado por uma maior confiança em si, um sentido de utilidade e otimismo em relação a possibilidades de mudanças. Em relação ao “eu” no mundo, o grupo coeso parece sustentar o paciente enquanto este experimenta uma série de papéis, novas formas de comunicação, treina habilidades específicas e adequa seu comportamento por meio do *feedback* do grupo. Em relação à atividade, há progressiva iniciativa e organização.

Muitas dessas características também podem ocorrer em atendimento individual. O grupo de atividades é um recurso a mais disponível. Sendo assim, deve-se estudá-lo, compreendê-lo, torná-lo mais produtivo. (MAXIMINO, 1997)<sup>6</sup>

As características intrínsecas às atividades nos grupos terapêuticos ocupacionais são manifestadas e manejadas de acordo com as características e desejos individuais, que, expostos nos grupos, se exacerbam ou diminuem na dinâmica estabelecida. Isso se configura, no *setting* terapêutico, como material de trabalho do terapeuta ocupacional. Os fenômenos humanos e ocupacionais ocorrem nos grupos, independentemente de serem terapêuticos. O que dá as características terapêuticas ao grupo é a capacidade desses elementos (humanos e

ocupacionais) transformarem a vida das pessoas. O terapeuta, por ter um maior conhecimento da dinâmica dos fenômenos, pode manejá-los, destacando ou facilitando processos para que as pessoas possam trocar e ter experiências na realização de atividades<sup>c</sup>, identificar necessidades, desejos, possibilidades, potencialidade e dificuldades próprias e enriquecer-se com a experiência dos outros. A Terapia Ocupacional utiliza a execução de atividades como recurso terapêutico, favorecendo a expressão de sentimentos, a espontaneidade, o conhecimento das potencialidades e limitações e o desenvolvimento e aprimoramento de habilidades (MONTILHA 2001)<sup>8</sup>. Os meios para isso são infinitos, e moldados pela criatividade das pessoas do grupo e do terapeuta. Acreditando que esta perspectiva de trabalho apresentada tem o potencial de transformar os indivíduos e melhorar a qualidade de vida de cada um, o objetivo desta pesquisa é analisar a dinâmica dos atendimentos de Terapia Ocupacional e seus efeitos reabilitadores em um grupo de pessoas com deficiência visual no início do processo de reabilitação. Espera-se com isso ajudar a clarificar discussões sobre a reabilitação nos grupos terapêuticos ocupacionais.

## METODOLOGIA

Foram estudados os dois primeiros grupos do 1º semestre de 2003, um de pessoas cegas e outro de pessoas com visão subnormal. Estes foram atendidos nos meses de abril/maio/junho de 2003.

Cada atendimento de Terapia Ocupacional segue uma estrutura básica descrita abaixo:

**O primeiro encontro da T.O.:** Coincide com o primeiro encontro do Grupo de Espera, e tem objetivos gerais já descritos na introdução. Apresenta-se a proposta do Grupo de Espera, realiza-se uma dinâmica, escolhida previamente pelas terapeutas, e uma atividade de expressão verbal. As atividades devem servir para aproximar as pessoas e conhecê-las. Perguntas como o nome, a cidade de procedência, a história do seu problema visual, seu dia-a-dia e suas expectativas em relação à reabilitação, são feitas. Procura-se mediar as falas e a dinâmica do grupo, para que todos se coloquem e se sintam à vontade.

**Segundo encontro com a T.O.:** Considerando a dinâmica e a identidade grupal observadas pelas terapeutas no encontro anterior, seleciona-se uma atividade para o segundo encontro que sirva de experimentação de ações, que traga à consciência aspectos desta, acreditando-se que o mais importante neste momento seja abrir expectativas e possibilidades presentes. Questões que mobilizem e envolvam o grupo encontram espaço no atendimento para serem discutidos. Cabe ao

c- Para facilitar essas experiências, é necessário que o terapeuta conheça a deficiência visual (glaucoma, retinopatia pigmentar, doença de Stard...) que determina aspectos gerais da capacidade visual e dá parâmetros de sua funcionalidade em cada indivíduo.

terapeuta promover essa discussão, no sentido de que cada participante possa se colocar e dar sua contribuição ao grupo. Acredita-se que dessa forma é possível uma reflexão sobre quais os elementos da vida que os próprios usuários buscam transformar, aperfeiçoar e investir para atingir aquilo que consideram qualidade de vida. As atividades podem ser um recurso que favoreça esse conhecimento de si mesmo e, ao mesmo tempo, possibilite construir algo a partir daí.

**Terceiro encontro com a T.O.:** No último encontro, que coincide com o encerramento do grupo, a atividade escolhida tem o objetivo de dar um fechamento para questões observadas no decorrer dos encontros. A ansiedade de cada usuário com o término do grupo é evidente, assim como a expectativa de ser logo atendido pelo programa. Procura-se, então, recolocar as limitações do programa para continuar os atendimentos, e indicam-se locais que estes usuários podem procurar para suprir suas necessidades mais emergentes ou que estão além da capacidade do programa no momento. Cada grupo foi analisado com base nos seguintes tópicos: descreveram-se as atividades realizadas em cada encontro, os critérios e objetivos pelos quais estas foram selecionadas, o que foi observado de relevância na dinâmica do grupo, e em que essas vivências puderam contribuir no processo de reabilitação dos participantes. Essa análise foi organizada, em idéias centrais relacionadas a cada tópico destacado acima, num Quadro Síntese no final da discussão de cada encontro. Destacou-se destes quadros (I, II e III) as contribuições para o processo de reabilitação comparando-as com os elementos encontrados por Maximino (1997)<sup>6</sup> em grupos terapêuticos ocupacionais cujo enfoque está na reabilitação. Esses elementos foram reorganizados sob os aspectos: refletir e transformar. Para melhor visualização desta relação, separou-se, organizou-se e comparou-se os elementos no quadro “qualidade de vida”.

## RESULTADOS

### PRIMEIRO ENCONTRO

#### GRUPO DE PESSOAS CEGAS

Esse grupo iniciou-se com sete pessoas.

#### **Atividade:**

- com todos sentados em círculo, foi realizada uma dinâmica em que a primeira pessoa escolhida falava seu nome. A outra pessoa que estava ao seu lado direito falava o nome da pessoa que iniciou a dinâmica e o seu próprio nome. O próximo do círculo falava o nome da primeira pessoa que iniciou a dinâmica, o nome da segunda pessoa e o seu próprio nome...assim por diante.
- expressão verbal sobre nome, a cidade de procedência, a história do seu problema visual, seu dia-a-dia e suas expectativas em relação à reabilitação.

d- Os nomes dos usuários são fictícios.

**Objetivo:** aproximar as pessoas; levantar mais dados para o prontuário; encaminhar demandas que possam ser respondidas de forma mais imediata; possibilitar a identificação de problemas e possibilidades entre as pessoas do grupo, criando um espaço de troca de informações, sentimentos e experiências; conhecer características individuais que podem influenciar o grupo.

**Observou-se:** aproximação das pessoas enquanto grupo, principalmente pela disposição animada na realização da dinâmica, facilidade na expressão das expectativas, características individuais durante a expressão verbal destacadas abaixo.

Fábio<sup>d</sup>: sua mulher se queixa de que ele não faz nada em casa, parece passivo em relação a tudo, não colocando seus desejos.

Larissa: quer fazer tudo sozinha, mas os familiares têm medo de algum acidente.

Solange e Zairo: são casados, têm dificuldades em seus diversos relacionamentos sociais. Solange sofre de depressão.

Carlos e Silmara: buscam claramente treino de habilidades (Braille/ orientação e mobilidade).

Nardo: diz que há pouco aceitou a perda da visão.

Contribuições para a reabilitação: **refletir sobre expectativas próprias e dos outros, conhecer pessoas na mesma situação, aprender com as experiências dos outros através dos relatos.**

#### GRUPO DE PESSOAS COM VISÃO SUBNORMAL

Esse grupo iniciou-se com seis pessoas.

#### **Atividade:**

- foi realizada uma dinâmica selecionada previamente, em que uma pessoa falava seu nome e sobre algo que gostava. Uma outra pessoa que se identificava com a anterior falava seu nome e colocava outra coisa que também gostava, assim por diante.

- expressão verbal sobre o que cada um busca na reabilitação.

**Objetivo:** aproximar as pessoas; levantar mais dados para o prontuário; encaminhar demandas que possam ser respondidas de forma mais imediata; possibilitar a identificação de problemas e possibilidades entre as pessoas do grupo, criando um espaço de troca de informações, sentimentos e experiências; conhecer características individuais que podem influenciar o grupo. (mesmos objetivos que o grupo de pessoas cegas).

**Observou-se:** identificação das pessoas pelos seus gostos, mas não uma aproximação entre elas evidenciado em observações como estas: “quem mesmo gostava de cachorro como eu?” ou “ela gosta de cachorro como eu, mas qual é mesmo o seu nome?”. Individualmente destaca-se o que cada um buscava com a reabilitação:

Rodrigo: trabalho e constituir família.

Berenice: recursos para leitura e treinamento para ori-

entação e mobilidade.

Deise: cuidado, atenção e adaptação nas tarefas domésticas.

Bruna: melhorar suas atividades cotidianas.

Lucas: aposentadoria. Pouco receptivo a qualquer proposta.

Marcela: qualquer ação terapêutica que alivie sua depressão e as dores no corpo.

Contribuições para a reabilitação: **refletir sobre expectativas próprias e dos outros, conhecer pessoas na mesma situação, aprender com as experiências dos outros através dos relatos.**

Esses elementos encontrados no primeiro encontro foram organizados no quadro Síntese I.

Depois do primeiro encontro com a Terapia Ocupacional, esses grupos foram atendidos em dois encontros com outros profissionais de reabilitação (assistente social e psicólogo). Durante esses encontros, os grupos criaram uma identidade e uma ressonância em questões que lhe são próprias. É nesse instante do processo que as terapeutas ocupacionais voltaram a encontrar os grupos.

ajuda e evidenciou uma comunicação consistente entre as pessoas. As atividades destacadas abaixo foram escolhidas com base nessas observações.

**Atividade:**

- a organização de uma festa junina para o último dia do grupo

- conhecer os materiais do *Kit* cartão para confeccioná-lo em casa.

Cada um escolheu ficar numa equipe: da música, da organização do espaço e daqueles que iriam preparar o lanche. As pessoas sugeriram o lanche, os estilos de músicas e discutiram a realização ou não de um amigo secreto com troca de cartões. Tirou-se o amigo secreto e cada um recebeu um *Kit*-cartão para confeccionar em casa. O grupo explorou esse material durante o encontro. Esse *Kit* era constituído de um papel cartão colorido, um pedaço de talagarça com a trama larga, fios coloridos, figuras em papel sulfite colorido (estrelas, quadrado, círculo, triângulo...) com os quais cada um poderia montar seu cartão da forma que quisesse.

**Objetivo:** experimentar ações, abrir expectativas e possibilidades presentes, propor discussões e reflexões, co-

QUADRO SÍNTESE I	1º ENCONTRO	
	CEGOS	VSN
ATIVIDADE	- dinâmica dos nomes - expressão verbal	- dinâmica da identificação - expressão verbal
OBJETIVO	- aproximar as pessoas - levantar mais dados para o prontuário a) encaminhar demandas que possam ser respondidas de forma mais imediata b) possibilitar a identificação de problemas e possibilidades entre as pessoas do grupo, criando um espaço de troca de informações, sentimentos e experiências c) conhecer características individuais que podem influenciar o grupo	
OBSERVADO	- aspectos individuais - o que buscam na reabilitação	
	animados buscam o "fazer" dificuldade emocional com: relacionamentos sociais, aceitação da deficiência, depressão	buscam treino de habilidades alívio da dor trabalho e constituir família dificuldade emocional: depressão, aceitação da deficiência
CONTRIBUIÇÕES PARA A REABILITAÇÃO VIVENCIADAS PELOS GRUPOS	- refletir sobre expectativas próprias e dos outros. - conhecer pessoas na mesma situação. - aprender com as experiências dos outros através dos relatos.	

## SEGUNDO ENCONTRO

### GRUPO DE PESSOAS CEGAS

Observou-se no primeiro encontro que o grupo: demonstrou um ar festivo, verbalizou tristeza em vislumbrar o final dos atendimentos, estabeleceu relações de

nhecer algumas adaptações, estimular outras percepções.

**Observou-se:** a autonomia do grupo em tomar decisões, envolveu-o numa perspectiva festiva, exploração tátil do material do *Kit*, criou um compromisso em confeccionar o cartão envolvendo uma disposição para o

fazer atividades manuais em casa, a busca de soluções para realização dessa tarefa.

**Contribuições para a reabilitação:** executar atividades que não achava ser capaz, incentivar a busca de soluções para os problemas, reafirmar a possibilidade das pessoas com deficiência se organizarem em busca de um objetivo comum.

**GRUPO DE PESSOAS COM VISÃO SUBNORMAL**

O centro da discussão deste grupo foi a questão visual, ou pela esperança de voltar a enxergar normalmente, ou de como utilizá-la para realizar atividades segundo o próprio desejo. Procurou-se trabalhar essa questão, contextualizando-a: Quero utilizar minha visão para quê?

**Atividade:** confecção de cartaz/colagem individualmente acerca do tema “Quais são suas expectativas na vida?”. Cada um teve que utilizar sua visão residual para encontrar, em revistas, figuras que correspondessem àquilo que buscavam na vida.

Essa atividade foi selecionada pois valoriza e incentiva o uso da visão residual ao mesmo tempo em que contextualiza a contribuição que a visão pode oferecer para atingir suas metas na vida.

**Objetivo:** experimentar ações, abrir expectativas e possibilidades presentes, propor discussões e reflexões, conhecer algumas adaptações.

**Observou-se:** pensamento introspectivo sobre os desejos, dificuldades e elaborações de cada um, possibilitando explicitação destes, através de sua organização por imagens e pela expressão verbal; empatia entre os participantes e disposição para ajudar.

De forma mais individual, foi possível identificar pessoas que ainda não aceitavam a limitação visual e tinham a esperança de voltar a enxergar normalmente; pessoas que entendiam que as dificuldades nas relações sociais eram causadas por uma postura delas próprias, de não aceitação da deficiência; pessoas que buscavam claramente a reabilitação para voltar a ler, escrever e, principalmente, para locomover-se sozinhas; e pessoas que procuravam instrumentos que facilitassem sua independência nos afazeres domésticos.

As reflexões proporcionadas por essa atividade do fazer foram compartilhadas por imagens e pela expressão verbal no grupo – que organiza ainda mais o pensamento interno – e levaram cada um a rever e refazer suas reflexões. Neste compartilhar, os componentes do grupo mostraram-se cuidadosos uns com os outros, relataram experiências próprias, experiências que se ouviu falar, deram sugestões uns aos outros de como fazer, agir e pensar para seguir e usufruir a vida com uma deficiência visual.

QUADRO SÍNTESE II	2º ENCONTRO	
	CEGOS	VSN
ATIVIDADE	- organização da festa junina - proposta do <i>Kit</i> -cartão	- colagem com base no tema “Quais são suas expectativas na vida?”
OBJETIVO	<ul style="list-style-type: none"> <li>- experimentar ações</li> <li>- abrir expectativas futuras e possibilidades presentes</li> <li>- propor discussões e reflexões</li> <li>- conhecer algumas adaptações</li> </ul>	
OBSERVADO	<ul style="list-style-type: none"> <li>- autonomia do grupo</li> <li>- disposição festiva</li> <li>- compromisso em confeccionar o cartão: uso do tato</li> <li>- disposição para fazer atividades</li> <li>- características individuais para lidar com problemas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- pensamento introspectivo</li> <li>- desejos, dificuldades e elaborações</li> <li>- organização desse pensamento</li> <li>- empatia entre as pessoas do grupo</li> </ul>
CONTRIBUIÇÕES PARA A REABILITAÇÃO VIVENCIADAS PELOS GRUPOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- reafirmar a possibilidade das pessoas com deficiência se organizarem em busca de um objetivo comum</li> <li>- incentivar a busca de soluções para os problemas</li> <li>- executar atividades que não achavam ser capaz</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- questionar sobre o que é limitação visual e como repercute na qualidade de vida.</li> <li>- refletir sobre postura própria de dificuldades nas relações sociais</li> <li>- conhecer recursos e adaptações assim como pensar e propô-las em diferentes situações</li> <li>- sentir o acolhimento do grupo</li> <li>- utilizar o resíduo visual</li> </ul>

**Contribuições para a reabilitação:** questionar o que é limitação visual e como isso repercute na qualidade de vida, refletir sobre postura própria de dificuldades nas relações sociais, conhecer recursos e adaptações assim como pensar e propô-las em diferentes situações, sentir o acolhimento do grupo, utilização do resíduo visual. (quadro síntese II).

### TERCEIRO ENCONTRO GRUPO DE PESSOAS CEGAS

**Atividade:** A preparação para a festa foi desenvolvida pela equipe da música, do lanche e da organização do espaço.

- A equipe da música trouxe CD de forró e sertanejo para selecionarem as músicas para a festa.
- A equipe do lanche fez pipoca no fogão e no microondas, colocando-a no saquinho de papel.
- A equipe da organização do espaço preparou a mesa com copos, refrigerantes e as embalagens com pipocas.
- Expressão verbal na revelação do amigo secreto e entrega dos cartões confeccionados em casa.

**Objetivo:** vivenciar a possibilidade do “fazer” com autonomia.

#### **Observou-se:**

- a oportunidade de exercer a autonomia na equipe da música, de utilizar os diversos “botões” do aparelho de som e a sistematização para isso.

Um dos acompanhantes, que acompanharam a festa de finalização do grupo, demonstrou que não acreditava que uma pessoa que não enxerga pudesse mexer num aparelho de som. Ao garantir-se o espaço da experimentação, da condução da melhor forma de usar o aparelho de som, a pessoa com deficiência e seu acompanhante foram acreditando nessa possibilidade. A frase: “não atende nem ao telefone” pôde ser contraposta por essa nova experiência da possibilidade do fazer.

- a solução de problemas para realização da atividade e o prazer com esta, na equipe do lanche. A possibilidade da experiência acompanhada pelo terapeuta possibilita o enfrentamento da dificuldade pela pessoa com deficiência visual, pois esse conhece alguns caminhos para solucionar problemas em relação à realização de uma atividade, facilitando-a e/ou apoiando a pessoa que a realiza. A solução desta dificuldade trouxe prazer e incentivo na execução da atividade.

- o trabalho em equipe, desenvolvimento da orientação espacial e da movimentação no espaço, da organização do espaço, na equipe da organização. Organizaram a mesa, colocaram os copos, as garrafas de refrigerante, as tigelas com saquinhos de pipoca e os guardanapos.

- características pessoais nos cartões confeccionados para a revelação do amigo secreto como: iniciativa de alguns em fazer com as próprias mãos e buscarem re-

ursos e meios para realizar a tarefa, dificuldade de outros em aceitar aquilo que não era perfeito, não se arriscando a confeccionar o cartão e pedindo que outra pessoa o fizesse. Expressão escrita no cartão e expressão verbal na revelação do amigo secreto.

Muitas pessoas relataram a importância do Grupo de Espera para suas vidas.

**Contribuições para a reabilitação:** crer na possibilidade do fazer, experimentar adaptações ou aprender as seqüências de ações que facilitem a execução de uma determinada atividade, conhecer e mover-se pelo espaço.

Grupo de pessoas com visão subnormal

Embora a explicitação da dificuldade de aceitação da perda visual tenha vindo de uma só pessoa, a questão envolveu o grupo, tornando-se o centro das discussões. Provavelmente essa questão mexeu com o grupo pois muitos deles passaram ou ainda passam por sofrimentos semelhantes. **Atividade:** Foi proposto que cada um fizesse um cartaz para uma suposta pessoa que acabou de saber que tem deficiência e no fim comentasse sobre seu cartaz.

**Objetivo:** oferecer elementos para refletir sobre como a deficiência visual influencia o cotidiano e abrir perspectiva de transformação.

#### **Observou-se:**

- as características da utilização do resíduo visual por cada pessoa do grupo, incentivo a exploração do resíduo visual.

- mensagens que levam a aceitação da deficiência como: o respeito aos limites, a facilidade do ser humano em adaptar-se às diferentes situações, a importância de um grupo para compartilhar experiências, lutar contra a crença que as pessoas com deficiência não são capazes. Foi enfatizada pelos participantes a crença de que a felicidade depende de cada um.

Enquanto as pessoas falavam sobre seu cartaz, foi interessante notar que as mensagens para essa suposta pessoa com deficiência eram direcionadas para elas mesmas, ou para as que estavam participando do grupo. Os diferentes momentos de cada pessoa, refletidos nas suas mensagens, contribuíram para uma melhora na perspectiva de vida de todos, mais intensamente daquela que estava em fase de aceitação da deficiência visual.

**Contribuições para a reabilitação:** melhorar a perspectiva de aumento na qualidade de vida, melhorar a aceitação da deficiência visual, utilização do resíduo visual.

### **GRUPOS DE TERAPIA OCUPACIONAL COM ÊNFASE NA REABILITAÇÃO – COMPARAÇÃO**

Os aspectos que “contribuíram para o processo de reabilitação” nos grupos terapêuticos ocupacionais em Grupo de Espera foram destacados do quadro geral dos

QUADRO SÍNTESE III	3º ENCONTRO	
	CEGOS	VSN
ATIVIDADE	- atividades nas equipes: da música, do lanche, da organização do espaço - festa: entrega do cartão, revelação do amigo secreto, dança	- confecção de um cartaz sobre o tema “mensagem para uma pessoa que acabou de saber sobre sua deficiência”
OBJETIVO	-vivenciar a possibilidade de fazer com autonomia	- oferecer elementos para refletir sobre como a deficiência visual influencia o cotidiano e abrir perspectiva de transformação.
OBSERVADO	Oportunidade de exercer autonomia e de executar uma ação de modo pedagógico  1. música: escolha de músicas e manuseio do aparelho de som 2. lanche: preparação da pipoca, colocando-a no saquinho 3. organização do espaço: motivação pelo conhecimento deste e pela circulação	Mensagens para Aceitação da deficiência: respeitar os limites facilidade do ser humano em se adaptar a importância da troca no grupo o potencial das pessoas com deficiência que felicidade depende de cada um Exploração do resíduo visual
CONTRIBUIÇÕES PARA A REABILITAÇÃO VIVENCIADAS PELOS GRUPOS	- crer na possibilidade do fazer - experimentar adaptações ou aprender as seqüências de ações que facilitem a execução de uma determinada atividade - conhecer e mover-se pelo espaço	a) melhorar a perspectiva de aumento na qualidade de vida • melhor aceitação da deficiência • utilização do resíduo visual

encontros (quadro síntese I, II e III) e reorganizados em elementos que levam a refletir e aqueles que levam a transformar, caracterizado no quadro “Qualidade de Vida” como Grupo I.

Os aspectos observados em grupos terapêuticos ocupacionais com ênfase na reabilitação são destacados por Maximino (1997)<sup>6</sup> e apresentados na introdução deste trabalho em “Princípios para Atuação”. Estes aspectos foram reorganizados em elementos que levam a refletir e aqueles que levam a transformar, caracterizados no quadro “Qualidade de Vida” como Grupo II.

Comparou-se o Grupo I e o Grupo II dentro dos elementos refletir e transformar, observando-se que:

- Ambos os grupos utilizam-se do campo grupal para mudanças individuais, destacando o aspecto da identificação; destacam elementos que contribuem para reflexão sobre qualidade de vida como: reconhecimento de necessidades e sentimentos..

- No elemento “Transformar”, o grupo I, no aspecto “identificar o que precisa ser transformado”, cita alguns elementos que busca identificar para transformar como: o por que da dificuldade nas relações sociais, atividades cotidianas que necessitam de adaptações. Essa identificação não foi explicitada no Grupo II. Destaque-se o aspecto “sentir-se capaz/ acreditar que

mudanças são possíveis”, pois os grupos I e II possibilitaram atingir esse objetivo por meio de: aumento da confiança, auto-estima, otimismo, sentir-se útil, relatos de experiência, vivenciar a organização das pessoas em busca de um objetivo comum, busca de soluções para problemas. No aspecto “adquirir habilidades”, o grupo I e o grupo II indicam que o grupo possibilitou aquisição de habilidades mas não enfatizam a influência do grupo para desenvolvê-las.

## DISCUSSÃO

Nos dois grupos de pessoas com deficiência visual o primeiro encontro tem o mesmo objetivo que é conhecer o grupo. O terapeuta busca conhecer características individuais e imaginar como isso pode influenciar o grupo. As pessoas entre si têm a oportunidade de contar sua história e compará-la com a dos outros. Isso possibilita a formação do campo grupal. Embora com os mesmos objetivos, a dinâmica estabelecida foi bem diferente nos dois grupos. O grupo de pessoas cegas apresentou-se animado com a dinâmica e na expressão verbal de sua história. O grupo de pessoas com VSN apresentou uma dinâmica de relato de dificuldades. Essa diferença parece estar mais ligada com as características individuais influenciando na dinâmica grupal do

QUALIDADE DE VIDA		Grupo de Espera Grupo I <i>O grupo possibilita:</i>	Grupos de reabilitação em geral – Grupo II <i>O grupo possibilita:</i>	Comparação
<b>Refletir</b> Sobre o que é qualidade de vida para cada um (questionar, pormenorizar e reavaliar) e quais suas <b>habilidades</b> e <b>dificuldades</b>	Considerando os princípios para atuação da Terapia Ocupacional com Pessoas com Deficiência Visual:	- comparar, contrapor e reformular sobre expectativa própria e dos outros - conhecer o sofrimento do outro: contrapor ao próprio, comparar, se confortar por identificação e por distanciamento - refletir como a limitação visual repercute no dia-a- dia - melhorar perspectiva de aumento da qualidade de vida	- diminuir ansiedade - diminuir egocentrismo aumentar o interesse e interação social - aumentar a ajuda mútua e os laços de amizade - identificação emocional - fortalecimento/ adaptação do ego - mecanismos internos mobilizados - reconhecimento de necessidades e sentimentos	- ambos os grupos utilizam-se do campo grupal para mudanças individuais, destacando o aspecto da identificação - ambos os grupos destacam elementos que contribuem para reflexão sobre qualidade de vida
	- referente à <b>visão</b>			
	- referente à complexidade das <b>relações</b>			
	- referente a <b>propostas de reabilitação</b> pré- determinadas			
<b>Transformar</b>	Identificar o que precisa ser transformado	- buscar adaptações e meios para realizar atividades do dia-a-dia - o por que da dificuldade nas relações sociais		- grupo I destaca elementos específicos a serem transformados - ambos grupos destacam o aspecto de perspectivas de mudanças e auto- estima como relevantes. - ambos os grupos relatam que estar em grupo favorece a aquisição de habilidades.
	Sentir-se capaz / acreditar que mudanças são possíveis	- aprender com experiências dos outros por meio dos relatos - reafirmar possibilidades das pessoas se organizarem em busca de um objetivo comum - incentivar a busca de soluções de problemas	- aumentar auto-estima - aumentar a confiança em si - ser otimista - sentir-se útil	
	Adquirir habilidades manuais/visuais/ Saber utilizar adaptações	- executar atividades - conhecer recursos/ adaptações/ seqüência pedagógica - mover-se pelo espaço	- ter mais iniciativa e organização nas atividades - sustentar a experimentação de papéis/ novas formas de comunicação - treinar habilidades	

que com as necessidades e desejos de cada um, pois estes últimos foram parecidos nos dois grupos. No segundo encontro as atividades foram escolhidas com base nas características e necessidades das pessoas que foram observadas no primeiro encontro. A atividade do grupo de pessoas cegas estava mais centrada no transformar o cotidiano por meio de treino de habilidades e utilização de adaptações utilizando-se do “fazer”. A atividade do grupo de pessoas com VSN estava mais centrada em refletir quais as expectativas de vida para cada um. Os objetivos gerais nos dois grupos eram os mesmos: experimentar ações conhecendo habilidades e dificuldades, propor discussão e reflexão, abrir expectativas e possibilidades presentes e conhecer adaptações. Entretanto, o que foi observado nos dois grupos foi diferente. No grupo de pessoas cegas observou-se o treino de habilidades manuais, busca de soluções para problemas práticos e a vivência da autonomia do grupo. No grupo de pessoas com VSN observou-se

o treino da funcionalidade visual e reflexão sobre emoções e cotidiano. A atividade em cada grupo propiciou um aprofundamento das questões que mobilizaram os grupos.

No terceiro encontro as atividades escolhidas seguem a proposta do encontro anterior. O objetivo em cada grupo se diferencia. No grupo de pessoas cegas o objetivo é vivenciar a possibilidade do “fazer” com autonomia para transformar as ações cotidianas. No grupo de pessoa com VSN o objetivo é de oferecer elementos para refletir sobre como a deficiência visual influencia o cotidiano e abrir perspectiva de transformação. De modo geral, a análise dos atendimentos dos dois grupos terapêuticos ocupacionais (grupo de pessoas cegas e grupo de pessoas com VSN) revela:

- que as atividades foram escolhidas com base nas características e necessidades apresentadas pela dinâmica grupal, tendo como objetivo refletir, experimentar e transformar. É importante destacar a diferença dos atendimentos de *Terapia Ocupacional em grupo* que, mui-

tas vezes, têm objetivos individuais específicos;  
- que o terapeuta ocupacional teve de conhecer as questões que permeiam a reabilitação de pessoas com deficiência, conhecer a problemática específica da população que atende e ter habilidade para lidar com fenômenos grupais (humanos e ocupacionais). Com relação à técnica utilizada para população deficiente visual, o terapeuta teve de conhecer as patologias visuais, as adaptações que facilitam a utilização da visão e/ou a execução de atividade, analisar uma atividade e propor uma seqüência pedagógica para execução de uma determinada atividade levando em conta a dificuldade e habilidade sensorial apresentada.

- o grupo estabeleceu uma dinâmica determinada principalmente pela ressonância entre as pessoas do grupo. A questão que encontrava eco em determinada pessoa era modificada internamente e recolocada no grupo pela expressão verbal e/ou pela atividade concreta. Essa dinâmica que permitiu as pessoas refletirem sobre sua vida e as questões que lhes são próprias.

Essa dinâmica do grupo terapêutico ocupacional, dentro da proposta de Grupo de Espera, contribuiu para a trabalhar elementos importantes da reabilitação de pessoas com deficiência visual como revelam esses aspectos: aceitação da deficiência, reflexão sobre as expectativas reais de vida, a experimentação da execução de atividades práticas e a busca de soluções para problemas que contribuem para transformação no cotidiano, sentir-se capaz e que mudanças são possíveis. Muitos dos elementos utilizados para trabalhar essas questões se assemelham aos destacados por Maximino (1997)<sup>6</sup> em sua descrição de trabalhos que relatam grupos terapêuticos ocupacionais com ênfase em reabilitação, como se observa no quadro “qualidade de vida”. Destas semelhanças destaca-se que ambos os grupos utilizaram-se do campo grupal para transformação das pessoas, os elementos deste campo grupal contribuem para reflexão sobre qualidade de vida, e que os grupos possibilitaram que seus integrantes se sentissem capazes de mudanças.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os atendimentos terapêuticos ocupacionais analisados nesta pesquisa estão contextualizados e moldados pelas peculiaridades da população atendida (pessoas com deficiência visual), pela organização institucional, pelas características de atendimento em Grupo de Espera e pela forma das terapeutas ocupacionais atuarem. Dentro dessa singularidade, identificam-se alguns aspectos semelhantes a outros grupos terapêuticos ocupacionais com ênfase na reabilitação. Os aspectos encontrados e destacados como importantes para a reabilitação não são exclu-

sivos de grupos terapêuticos ocupacionais (podendo aparecer também em outros grupos ou mesmo nos atendimentos individuais) porém a análise dos atendimentos esclareceu que sua dinâmica é específica, girando em torno da atividade-terapeuta-grupo. Acreditamos que a pesquisa contribui para desvelar a dinâmica do processo de reabilitação em grupos terapêuticos ocupacionais.

Alguns dos aspectos nas dinâmicas dos grupos foram mobilizados, destacados, questionados e/ou transformados durante esses atendimentos, conforme relatado, e possibilitaram formar a base fundamental para que a reabilitação se desenvolva, abrindo expectativas e possibilidades presentes.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CASTRO, E.D.; BRUNELLO, M.I.B.; LIMA, E.M.F.A.; Atividades Humanas e Terapia Ocupacional. *Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas*. Ed. Plexus. 2001:41-59.
2. DEJOURS, C. Por um novo conceito de saúde. *Rev. Brasileira de Saúde Ocupacional*. 1986;54(14):7-10.
3. FARIA, M.B.S.R. Grupo de Terapia Ocupacional (uma possibilidade de teorização). *Cadernos de Terapia Ocupacional – GESTO*. 1990;II,3:19.
4. GROISHMAN, M.; ORLANDI, A.L., QUINTES, H.M.F.; TRÓIA, M.C.C.; MARANHÃO, M.L.A.. Grupo de Espera: uma perspectiva institucional de atendimento imediato ao adolescente. *Congresso Brasileiro de Grupo*, 4, RJ, Gradiva. 1979.
5. KORNBLIT, A & RASCOVSKY, A. A importancia institucional de los llamados: Grupos de Espera. *Revista Argentina de Psiquiatria de la infancia y de la adolescencia*, 1(1), 1970.
6. MAXIMINO, V.S. *A constituição de grupos de atividades com pacientes Psicóticos*. Tese de doutorado, Campinas: Unicamp, 1997;22-81.
7. MONTILHA, R.C.I. Visão Subnormal e a abordagem da Terapia Ocupacional. *Sinopse de Oftalmologia*. 2001;1:22-24.
8. MONTILHA, R.C.I. O Atendimento de Terapia Ocupacional com o adulto portador de Cegueira adquirida. *Sinopse de Oftalmologia*. 2000;2,1:24-25.
9. TEMPORINI, E.R. Promoção da Saúde Ocular. *Arq. Bras. Oftal.* 1999;62(1):82-84.